

O contexto de uso da língua terena e língua portuguesa nas aldeias urbanas em Campo Grande-MS

**Rogério Vicente Ferreira
Onilda Sanches Nincao
Guadalupe Vilhalba Cabral Xavier
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Brasil**

Introdução

O Brasil já foi considerado um país monolíngue, mas, conforme Cavalcante e Guimarães, outra realidade tem sido reconhecida nos tempos atuais: a de um país multilíngue. De acordo com Mello “Somos sim, o país da língua Portuguesa, mas também o país da língua Xerente, Karajá, Apinajé” (353), dentre outras línguas indígenas além, também, conforme Rato; Mello e Altenhofen línguas de imigrantes, como as línguas alemã, italiana, polonesa, japonesa etc.

Esse país multilíngue assume uma representação peculiar no Estado de Mato Grosso do Sul (MS), que concentra a segunda maior população indígena do Brasil dividida em vários povos. Esse Estado é palco de um processo histórico de colonização bastante longo e complexo (Bittencourt; Ladeira), onde esses povos enfrentam um intenso e constante conflito fundiário na luta por seus territórios tradicionais.

Números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, apontaram que a população indígena de Mato Grosso do Sul cresceu 3,1% em 10 anos, uma vez que 73.295 pessoas se declararam como indígenas. Somente a capital, Campo Grande, doravante (CG), ocupa o sétimo lugar entre os municípios brasileiros onde habitam populações indígenas, o número é de 5.657 indivíduos. O Estado tam-

bém abriga duas das cinco maiores etnias indígenas do Brasil: os Guarani e Kaiowá, com 37,4 mil, e os Terena com, aproximadamente, 28,8 mil indivíduos.

Conforme Nincao, a etnia Terena está estabelecida principalmente em MS, interagindo com a sociedade não indígena brasileira, uma ação que se intensificou a partir do século XVIII. Entretanto, os estudos a esse respeito só foram aprofundados no século XIX (Silva, Ferreira, Oliveira), revelando um contato que passou por variados processos de convívio. Ainda se tem que:

esse grupo étnico está distribuído, no estado, em aproximadamente 25 aldeias, ocupando áreas descontínuas localizadas nos municípios de Anastácio, Aquidauana, Miranda, Dois Irmãos do Buriti, Nioaque, Sidrolândia, Campo Grande, Rochedo e Dourados. Alguns Terena encontram-se também instalados nos municípios de Avaí e Braúna, no Estado de São Paulo. (29)¹

No que diz respeito à capital de MS, nesse espaço estão localizadas várias etnias indígenas brasileiras, firmadas em locais comuns, denominados aldeias urbanas² convivendo em contato com a sociedade não indígena e, dentre essas etnias, estão os Terena.

Parte da população do povo Terena residente na capital do Estado – que se fixou nas aldeias urbanas da capital – veio para a zona urbana porque precisava buscar novas oportunidades fora das áreas indígenas onde nasceram, lugar de suas origens (Silva e Bernadelli). O Censo do IBGE registrou 896,9 mil indígenas no país, sendo que 36,2% são moradores da região urbana e 63,8% moradores da região rural.

No município de Campo Grande, a população indígena constituiu-se por mais de 6.000 (seis mil) habitantes e apresenta um quadro sociolinguístico complexo pela necessidade de utilizar a língua portuguesa para a sua inserção no mercado de trabalho, ou seja,

¹ Todas as citações foram descritas graficamente de acordo com o texto original da autora.

² A denominação “aldeias urbanas”, fazendo referência à união dos povos indígenas na região urbana divergiu entre os indígenas Terena. Assim, os termos empregados para nomeá-las variam entre: aldeia urbana, comunidade e assentamento indígena.

para atender sua demanda de sobrevivência junto à sociedade brasileira. Prudente coloca que no Brasil, usar a língua oficial, a Língua Portuguesa, é uma questão de sobrevivência tanto para o indígena, assim como para o imigrante, pois é a língua da interação, da comunicação

Outro fator relevante tem ocasionado a fixação dessa etnia no centro da capital de Mato Grosso do Sul: a comercialização de produtos agrícolas produzidos por eles em suas aldeias. Dessa forma, os produtos obtidos dessa atividade são vendidos de porta em porta em várias regiões da cidade ou em barracas do Mercado Municipal. Nessa atividade, no contato entre Terena e não indígena, é perceptível o desenvolvimento da habilidade de falar e entender o português, possibilitando um comércio rentável para a sobrevivência material dessa etnia.

Diante disso, cabe perguntar: Como se configura o quadro sociolinguístico das comunidades Terena de Campo Grande? E como se dá o uso da língua Terena e da língua portuguesa? Quais os significados desses usos para essas comunidades? Para Calvet, a realidade linguística mundial define-se como plurilíngue, e cada país possui sua diversidade linguística, sendo essa também a realidade brasileira. Para o autor, a diversidade linguística gera o contato entre as línguas e esse contato pode ser estabelecido pelo indivíduo, pela situação de aquisição de língua ou ainda pela própria comunidade.

Já para Mesquita e Braggio, esse processo pode ser definido de modo desigual, sendo uma língua tida como majoritária e a outra não, relacionando-se, assim, entre si de modo dissonante, ou seja, conflitante.

Entretanto, Franceschini esclarece que, desde a colonização, a relação das “línguas” em território brasileiro definiu-se mais como de “conflito” do que de “contato”. A autora defende que a história das línguas indígenas no Brasil definiu um contexto de conflito, sendo o conflito linguístico entrelaçado com outros tipos, como de cultura, posse de terras etc. E, para desfazer esse conflito, a autora sugere que o Estado intervenha por meio

de suas instituições e que a comunidade indígena forme intelectuais, como mestres e doutores em seu meio a fim de que reflitam sobre a situação da língua de seu povo e estratégias sejam criadas com o intuito de levantar resistências e fortalecimento para enfrentarem as pressões da sociedade envolvente de forma que não resultem em perdas linguísticas para a comunidade indígena.

É importante ressaltar, segundo Nincao (2008), que os Terena possuem uma política linguística própria de apropriação/aprendizagem da língua portuguesa como uma ação estratégica de sobrevivência junto à sociedade brasileira. Assim, a grande concentração de indígenas Terena provenientes de diferentes áreas como dos municípios de Aquidauana, Miranda, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Dourados etc. configura uma diversidade de uso da língua portuguesa e língua Terena, o que provoca certa complexidade, tornando-se necessário conhecer, registrar, organizar e analisar o perfil linguístico da população urbana Terena.

Levando-se em conta o *locus* de investigação desta pesquisa, observa-se que as línguas portuguesa e terena estão fixadas no mesmo espaço geográfico: o espaço urbano da capital, onde se estabelecem em convívio comum. Essa é a realidade indígena Terena do município de Campo Grande (Mato Grosso do Sul), um lugar de desenvolvimento, de influências, práticas e relações entre diferentes povos e que definem as aldeias indígenas urbanas³ da capital.

Nesse sentido, como há um processo de migração para Campo Grande, de formação de diferentes aldeias com indígenas Terena, há pessoas dessa etnia que são falantes de sua língua de origem e outros não falantes (Nincao 2008). Portanto, é importante compreender esse processo, que pode contribuir para a reflexão e o entendimento sobre o uso

³ O termo “aldeia indígena urbana”, nesta pesquisa, diz respeito ao conjunto de diferentes etnias reunidas em um mesmo espaço geográfico.

do português e do terena em contextos de convívio das comunidades indígenas em Campo Grande.

Dessa forma, esta pesquisa teve por objetivo investigar como se configura o uso de ambas as línguas no contexto dessas aldeias urbanas na cidade de Campo Grande-MS e, assim, traçar um perfil sociolinguístico da população Terena, considerando o fato de que a comunidade indígena convive com a sociedade não indígena.

Do contexto das aldeias indígenas e as entrevistas nas aldeias urbanas de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul

Esta pesquisa foi realizada em campo, ou seja, diretamente com os indígenas Terena nas aldeias urbanas de Campo Grande. A experiência de entrevistar as pessoas e nos envolver com a sua rotina evidenciaram uma diversidade de contextos e ambientes no momento da realização desta investigação, pois é no contexto de convívio que o integrante de uma comunidade se deixa conhecer, expressando suas particularidades. O contexto de convívio é o lugar em que fatos se configuram, segundo Franco.

Nesse sentido, compreende-se que o contexto abrange acontecimentos desenvolvidos na inter-relação entre seus componentes. No caso, cabe considerar que o contexto histórico do povo Terena foi marcado por uma construção histórica de fatos relevantes (Ladeira; Bittencourt), como a conquista das terras. Na atualidade, tais fatos mostraram-se como tempo de avanços, de conquistas, o tempo da chegada do Terena para a região urbana do Mato Grosso do Sul.

O atual momento vivenciado pelo povo terena, isto é, a saída da terra de origem tem determinado a instituição de uma nova realidade, ou seja, o encontro com um “novo mundo” (Nascimento e Vieira 122). É um momento de convívio inter-relacional, experimentado com uma sociedade diferenciada da sociedade nativa. O Terena enfrenta um contexto socioeconômico e linguístico que lhe é alheio, um momento que pode ser definido

como tempos de desafios. Assim designado devido aos desafios reais e cotidianos que o Terena foi induzido a enfrentar em seu dia a dia, a nova experiência na área urbana da capital do Mato Grosso do Sul. Torna-se um desafio sobreviver na área urbana com poucos recursos financeiros e, devido a esse desafio, os homens Terena saem e arrumam trabalhos braçais, as mulheres arrumam serviços em estabelecimentos comerciais e em residências familiares para sustentar a família na aldeia urbana. Portanto, é no contato diário com o não indígena que o indígena Terena usa o português, em todos os contextos de interação social. O líder Émerson⁴ residente na aldeia Água Funda explicou a realidade de usar o português durante o dia inteiro de trabalho e, quando encontra um colega Terena, usa o terena para se comunicar.

As entrevistas nas aldeias urbanas aconteceram junto à ação de observação do convívio do Terena em sua comunidade familiar, social, religiosa, profissional, portanto, dentro do contexto disponibilizado para obtenção de dados para esta pesquisa. Segundo Severino, “ao trabalhar com seu método, a primeira atividade do cientista é a observação dos fatos”, sendo que a observação só é possível a partir da interação. Assim, o autor prossegue: “não basta ver, é necessário olhar” (108), e esse olhar implica variadas posturas pessoais.

Na primeira visita à aldeia urbana Água Bonita, o líder explicou particularidades da aldeia, de sua liderança e a questão de como a etnia realiza suas festas, com uso da língua materna nas comemorações na comunidade.

A primeira entrevista foi realizada no dia 5 de abril de 2018 com o líder da aldeia urbana, aqui denominado Líder 1. Ele respondeu à seguinte pergunta: Que línguas são faladas na aldeia urbana, comunidade e na família?

⁴ Nome fictício.

Português porque não entende as línguas Terena, Kaiwá, Kadiweu, Guató, Guarani, Kinikinawa. E a orientação para a família sobre a língua: vai precisar. Fala esqueceu. Casa língua materna. Festas separadas, fala de etnia.⁵

Em seguida o líder religioso, denominado Líder 2, falou da importância da língua Terena para seu povo.

No caso da nossa crianças, e também têm velhos, os anciãos, também anciãos que precisam de explicação.

Então a importância do nosso “idioma” materno é ajudar aquelas pessoas que não entende muito bem, falar português, né? E nós que estamos aqui na cidade eh... procuramos ajudar aqueles que ainda não, não conseguem, né? Entender a língua portuguesa.

Eu tenho uma tia também que não fala português, tem que ter uma pessoa do lado que fala em Terena pra ela, para entender o que que o branco tá dizendo para ela, né? Então isso é de suma importância para nós.

Na segunda visita realizada com a colaboradora e guia⁶ Terena, definiu-se uma nova entrevista. Dessa vez, adentramos na aldeia Água Bonita em direção à casa de um casal Terena de idosos que receberam a pesquisadora, juntamente com a filha adulta e netas crianças, sendo que o idoso era vice-líder Guarani. Para Azanha a questão do convívio da etnia Terena com outra retoma o fato de que, ao longo da história, a característica expansionista do Terena favoreceu o convívio com outras etnias. E este é um fato que aconteceu algumas vezes, entretanto eles não perderam a identidade e costumes Terena, mas criaram formas diversas para suas práticas de preservação da tradição Terena, conforme Pereira

⁵ A resposta do Líder 1, da aldeia urbana água Bonita foi transcrita conforme a fala original. O mesmo procedimento foi adotado para a transcrição de todos os depoimentos coletados.

⁶ Um dos líderes nos indicou uma pessoa da liderança Terena residente na área urbana da capital para que servisse de guia na localização dessas comunidades e acompanhasse a apresentação da pesquisa às demais lideranças, dando início ao desenvolvimento do processo de coleta de dados. Esse apoio foi necessário porque, além da diversidade de localidades, havia também a problemática de aceitação da pesquisa em cada aldeia urbana, pois cada localidade apresenta um contexto diferente de liderança, e as lideranças se definem na formação com povos indígenas Guarani e Terena.

(123). Durante a entrevista, a idosa terena respondeu ao questionário e confirmou que entende, usa e ensina a língua materna para as netas, entretanto uma delas não gosta de falar, mas a outra gosta e usa as palavras ensinadas. A idosa falou que seu filho adulto usa o terena em casa e que tem outra neta que entende e a usa um pouco.

A senhora terena com mais de 60 anos confirmou o esforço de conservar o uso da língua de seu povo na aldeia e em casa, e que o uso do terena juntamente com a portuguesa entre os Terena tornou-se comum na aldeia urbana. Em seguida, na mesma visita, o Terena Diogo participou da entrevista e confirmou o uso do terena em casa, e do português na comunidade geral e no contato com o não índio, definindo como uso comum do português na aldeia, no contato social geral e no contexto da escola.

No interior da aldeia, a guia encontrou parentes⁷ e, passaram a conversar usando a língua materna entre si. Outras mulheres da aldeia no mesmo caminho se integraram ao grupo fazendo uso do terena. Na sequência, outras parentes passaram a conversar também na língua e, durante uma hora, elas usaram a língua de origem sem alternar com o português. Em seguida, outras mulheres chegaram e passaram a intermediar o uso do terena com o uso do português. Toda essa estratégia linguística retoma a questão de que o Terena é um povo que possui estratégias próprias, e busca conquistar novos espaços (Oliveira 80). Durante a conversa, também foi comentado sobre a existência de uma sala de reforço de ensino do terena para crianças, uma sala mantida pela comunidade.

Como já foi mencionado, convivem na aldeia urbana Água Bonita diferentes etnias e, assim, constatou-se a realidade de línguas em contato, ou seja, é uma aldeia multilíngue, com a presença de vários povos na mesma área, e que fazem uso de diferentes línguas étnicas e do português no contexto geral e entre as diferentes etnias.

⁷ Termo que faz referência a outro Terena e até mesmo a outro indígena, de outra etnia.

Diante dessa realidade multilíngue da aldeia urbana Água Bonita, confirmou-se a preocupação levantada por Pereira (188) sobre o futuro das línguas, especialmente a língua terena, presente na realidade multilíngue desta aldeia urbana.

A entrevista na aldeia urbana do Jardim Inápolis, formada por aproximadamente oitenta famílias, concretizou-se no encontro com a liderança Terena. Depois das apresentações, o líder falou de sua infância e sobre as dificuldades para ir à escola. Mencionou que, na sua casa, entre os filhos, é pouco falado o idioma Terena. Ele revelou também seu interesse, desejo e preocupação em fortalecer a língua de origem na comunidade Terena. Em sua fala, percebeu-se no uso da língua portuguesa a influência da prosódia da língua materna. Conforme o contexto apresentado, retomamos a fala de Barreto quando faz referência a contextos diferenciados de bilinguismo

Inicialmente concluímos que se considerássemos bilíngue somente o indivíduo com domínio igual e nativo em duas línguas, estaríamos por certo excluindo a grande maioria e, com certeza, os casos mais interessantes a serem discutidos e analisados. Partimos assim da afirmação de que o bilinguismo é um fenômeno relativo (Barreto 121).

Dessa forma, confirma-se no contexto de aldeia urbana do Jardim Inápolis uma realidade diferenciada de uso da língua terena e portuguesa. O líder explicou que seu neto é incentivado a usar a língua terena em casa, pois só bebe água e come carne na presença do avô, quando usa a língua de origem, falando as palavras referentes a seu desejo, pelo uso da língua terena, da seguinte maneira:

- (1) *Ngaba'á une* = quero água.
- (2) *Ngaba'á vaka*⁸ = quero carne.

⁸ Não foi realizada a transcrição das frases na língua terena devido à diferença de pronúncia da língua de origem entre as gerações e locais de origens do povo Terena.

O neto (criança) do líder (avô Terena) só obtém o desejado fazendo uso do idioma. O avô explicou que assim era uma forma de valorizar a língua da sua etnia. Segundo ele, o neto entende palavras em Terena, mas usa pouco a língua de origem, tendendo sempre usar o português com mais frequência. Entretanto, o filho jovem do líder foi citado como falante de algumas palavras e frases em terena, mas demonstrou falta de interesse em usar sua língua materna. Já a filha do líder, professora, entende bem e usa o terena e o português no meio familiar. Constatou-se, assim, para Nincao (2008) a existência de complexidade linguística no contexto linguístico das comunidades indígenas Terena, em sua maioria constituídas como bilíngues (68).

O fundador da aldeia do Jardim Inápolis, senhor Pedro, é um Terena idoso com mais de 70 anos, que usou o português para se comunicar, mas procura manter no cotidiano o uso do terena. Ele revelou sua preocupação com a conservação da língua de seu povo, pois seu neto jovem não fala e não quer aprender a língua de seus antepassados. O fundador da aldeia revela conhecer o português em um bom nível de comunicação com o não índio e explicou que alguns adultos de sua aldeia sabem falar o terena, outros entendem, mas não falam. Essa é uma realidade que demonstra a capacidade do Terena em assegurar a existência da sua cultura, assim como a manutenção de sua língua (Zoia, Pasuch, Pripolli 2015 88).

Segundo Nincao (2003 e 2008), o povo Terena historicamente construiu suas políticas linguísticas, relacionando-as ao contexto de uso da língua de outro povo. O Terena construiu a estratégia política de aprender a língua do outro. A autora explica que [...] a política linguística desse povo, oriunda do caráter historicamente expansionista dos Aruaque [...], configurou-se modernamente como uma política bilíngue de uso complementar das duas línguas (Nincao 2003 191). As características dos Terena se materializam na particularidade que o povo Terena tem de desenvolver sua estratégia linguística própria, de do-

minar a língua do outro, de desenvolver sua política bilíngue. A autora prossegue explicando que quando o assunto é política linguística

devem contar prioritariamente com a presença de representantes indígenas tanto em seu planejamento como em sua execução, o que raramente é visto no país. Devemos considerar que as comunidades e povos indígenas têm suas políticas linguísticas que muitas vezes, na maioria delas, são desprezadas (Nincao 2008 197).

Apesar de o povo terena possuir uma política linguística própria, faz-se necessária a formação de profissionais Terena que conheçam e atendam as necessidades da comunidade Terena.

A única mulher na liderança Terena da aldeia urbana do Jardim Inápolis citou a ausência de falantes jovens, fluentes em terena, que falem com facilidade, que respondam usando a língua materna, pois, quando as perguntas são produzidas nessa língua, as respostas são fornecidas em português. Essa situação releva o fato de que as crianças e jovens Terena perderam o interesse em aprender a falar sua língua de origem por falta de incentivo e valorização da língua de origem, conforme a explicação da líder. Entretanto é importante retomar que é no contexto familiar que a vitalidade linguística se assegura a continuidade de uso (Hohmann 198).

A aldeia urbana da Vila Romana fica próxima à aldeia urbana do Jardim Inápolis, e, na ocasião da visita para coleta de dados, encontramos o líder Denis, que é casado com uma Terena. A pesquisa foi apresentada a ele, sua esposa e filhos, que foram se achegando para participar da entrevista. A informante guia interveio usando a língua de origem e o líder respondeu à guia Terena fazendo uso do português. Ele disse que estava à disposição para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa. No início, ficou exposto o uso das

línguas terena e portuguesa para atender as perguntas sobre a aldeia urbana e os usos linguísticos.

O líder explicou que, em casa, as mães falam o terena com os filhos, e os homens utilizam as duas línguas na comunidade, de acordo com a necessidade do momento. Ele concluiu que entre os adultos fala-se o idioma terena⁹. O líder da aldeia prosseguiu explicando que as crianças e jovens da aldeia urbana aprendem as duas línguas, pois a aldeia possui uma sala de reforço do ensino do terena, estabelecida no frigorífico Bordon. Barreto, ao falar do bilinguismo, explica que cada indivíduo bilíngue possui sua característica e que “Com esta condição particular, os indivíduos bilíngues apropriam-se de dois códigos distintos e os utilizam em determinadas comunidades de fala, em diferentes ambientes (familiar, social, escolar e profissional)” (121). Outro fator relevante observado nas entrevistas junto aos terenas diz respeito ao desenvolvimento da alternância de códigos entre o terena e o português, no contexto de aldeia urbana.

O líder da aldeia urbana expressou a tristeza que enfrenta devido à discriminação que o seu povo sofre na sociedade não indígena. Ele prosseguiu sua explicação falando da zombaria de alunos não índios sobre a língua terena e reconheceu a necessidade de representantes de sua etnia nas universidades. Disse que precisam do apoio de pessoas que lutem por eles em todos os lugares.

A presença de crianças não falantes de terena foi constatada na aldeia urbana da Vila Romana, pois um terena (menor de idade) que cresceu na cidade de Sidrolândia argumentou que não entende, não fala, não usa palavras em terena em contexto familiar ou comunitário e não deseja aprender seu idioma¹⁰. Assim, sua mãe¹¹ explicou que seu filho só entende, fala e usa o português desde pequeno. Entretanto, outra criança Terena, de 11

⁹ A expressão idioma terena foi uma expressão utilizada pelo líder para falar da língua terena.

¹⁰ Termo usado pelo falante terena, menor de idade.

¹¹ Os terena menores de idade que participaram da entrevista estavam acompanhados pelos pais e suas respostas eram explicadas pelos pais.

anos, se identificou como falante de português com habilidade e fluidez, porém com conhecimento mínimo de terena. Ela explicou que aprendeu um pouco de sua língua, disse que já entendia palavras e frases simples, mas usava pouco em casa e na aldeia urbana. Para exemplificar, essa criança terena explicou que o significado de *áko'o* é “não”.

O entrevistado terena M., de 11 anos,¹² afirmou que fala mais o português em casa e, na escola, está aprendendo o terena na sala de reforço do ensino da língua e, acentuando, assim, que usa poucas palavras com a mãe.

Na mesma comunidade, os jovens¹³ entrevistados responderam à seguinte pergunta: Que línguas são faladas na comunidade (aldeia urbana) indígena? E na família? A resposta que obtivemos foi “Tem vez terena, português”.

A entrevistada adulta E. (39 anos) é casada com líder indígena e explicou que usa o terena com a comunidade, em casa, com os filhos, porém, em geral, utiliza mais o português. Ela é líder e concedeu a entrevista falando sobre seu povo, sua cultura e o significado do nome da aldeia. Ela explicou como era escrito o nome da aldeia urbana da Vila Romana, *Uti kopeti no terenoe*, que significa “Somos índios Terena”.

A aldeia urbana Santa Mônica foi visitada oficialmente para apresentação da entrevista. A visita foi conduzida na casa do líder Robson, um índio, filho de casamento interétnico com afrodescendente. Ele não foi receptivo ao responder às perguntas da entrevista, mas prometeu enviar convite para a “Festa do Índio” e, também, prometeu uma nova oportunidade de entrevista, no sábado seguinte, o que acabou não se concretizando. Isso, todavia, não impediu o recebimento do convite para participar da Festa do Índio na aldeia, pois foi uma festa aberta à comunidade geral, e à comunidade não indígena.

Durante a Festa do Dia do Índio, em 2018, na chegada da aldeia, entramos em uma tenda onde havia uma moça pesquisadora americana e outros pesquisadores de outras

¹² As crianças menores de idade participaram da entrevista acompanhadas por um dos pais.

¹³ Em trabalho de campo verificamos que os jovens demonstraram timidez ao falar do uso do terena e do português na aldeia urbana da capital do MS.

instituições. No contexto, foi observado o uso do terena no meio de homens adultos entre 25 a 40 anos em reunião próxima ao grupo de líderes. Também se constatou o uso da língua materna pelo professor, líder da dança cultural indígena com os alunos crianças e adolescente das outras aldeias.

Na aldeia urbana Água Funda, as entrevistas foram coletadas conforme as oportunidades disponibilizadas pela liderança e comunidade. Os dados foram coletados em reuniões organizadas com terenas de várias idades, em que havia a presença de líderes, homens e mulheres Terena, dentre elas mães que apresentaram dados sobre seus filhos. A adolescente S. (12 anos) é Terena, fala português com habilidade em quase todos os contextos; contudo usa poucas palavras na língua de seu povo no meio familiar e na comunidade, embora tenha facilidade para entender o terena.

A líder Terena E. L. (32 anos) usou a língua de sua etnia com outras mulheres Terena em vários momentos da entrevista e disse que a emprega em sua comunidade e no meio familiar. Ela declarou que usa o português no contexto de trabalho e no contato com o *purytuya*, que significa “não índio” em terena. O informante S. é casado com V. (32 anos), e fala terena com facilidade. Ele confirmou que a usa na comunidade e em casa com frequência, e faz uso da língua portuguesa para o contato com o não índio. A Terena M. (25 anos) explicou que entende a língua de sua etnia, mas não a fala, quando então foi corrigida pela guia de 65 anos, afirmando que não era verdade, pois a Terena M. “fala sim”.

Este acontecimento confirmou que as novas gerações demonstraram timidez em assumir que falam a língua materna de seu povo, pois a correção da guia Terena constatou que as gerações mais jovens sentem vergonha em assumir o uso do terena. Observou-se o uso do terena no contexto da aldeia urbana da Água Funda¹⁴, em conversas entre adultos e idosos terena, em reuniões familiares, religiosas e festas; a língua portuguesa fica restrita, na

¹⁴ É preciso retomar que alguns Terena da Água Funda são de origem da região de Miranda, região com maior população falante da língua terena.

maioria das vezes, ao uso com os não terena, principalmente com a vizinhança branca, próxima à aldeia.

A respeito do uso do português em contexto da comunidade Terena urbana, da capital do Mato Grosso do Sul, a líder 1 da aldeia Água Funda” falou o seguinte:

Pra nós indígena é quando a gente sai da aldeia e mora naaa... na cidade grande e a gente tem que comunicar com as pessoas em português, mas tem algumas pessoas que entende Terena então ela conversa mais em Terena.

Fez parte do contexto da aldeia urbana Água Funda a apresentação de músicas e orações em Terena nas reuniões religiosas; todavia o uso do português foi intenso e em frequência mais elevada na presença do não índio. Recebeu destaque o caso de uma criança Terena (7/8 anos) que falava em terena nos horários de brincadeiras no quintal da casa, mas seu colega, também Terena, não o compreendia, pedindo que ele falasse em português. Ele, então, foi advertido pela mãe para que ele usasse o português. O menino que fala fluentemente a língua materna passou a falar em português. Esse fato foi contado por aproximadamente cinco pessoas, dentre elas algumas mães. Desse modo, ficou claro que, no contexto da aldeia Água Funda, é comum o bilinguismo. Outro fato relevante foi encontrado em uma outra família. O líder daquela comunidade indígena sabia escrever, ler em terena, pois participou de aulas da língua de origem no contexto de sua antiga aldeia.

Na aldeia urbana Marçal de Souza, a pesquisa foi realizada em momentos distintos, segundo a disponibilidade dos integrantes da comunidade, tendo sido ~~foram~~ totalizadas dezessete entrevistas. As primeiras entrevistas foram realizadas com moradores Terenas e familiares voluntários em participar da pesquisa.

Na primeira entrevista as idosas que participaram usaram o terena nas conversas em grupo e, quando desejavam, usavam a língua portuguesa com facilidade. O que foi observado é que a alternância de língua era para preservar privacidade de suas conversas. Em

outra ocasião, durante a entrevista com adolescentes e jovens (moças, rapazes), havia uma adolescente (V.) com dificuldades para entender as perguntas da pesquisa, realizadas em português. A informante guia interrompeu a explicação, realizada em português, e falou sobre a pesquisa para a adolescente em terena. Em seguida a jovem respondeu às perguntas usando o português, porém com respostas breves. Rapazes que se comunicavam em Terena participaram da entrevista e responderam com facilidade o questionário, mas no jovem S. de 18 anos e em seus colegas, constatou-se uma atitude de timidez ao falar sobre o terena e o português.

Em outros contextos de entrevista, a colaboradora Terena C. (50 anos) afirmou que usa somente o português. Já o informante L. F. (14 anos) expôs que usa o terena, mas com pouca fluência. Em seu cotidiano relatou utilizar a língua portuguesa na escola, com a família e na comunidade. A informante M. (50 anos) afirmou usar algumas vezes a língua materna, mas o português com maior frequência. O idoso B. (64 anos) afirmou usar mais o terena e, algumas vezes, as duas línguas, pois entende “menos” o português. A jovem E., de 25 anos, confirmou sempre usar o terena na comunidade, na família, mas não deixa de usar o português.

A adolescente E. (22 anos) explicou que usa ambas as línguas na comunidade e na família, sendo que fala bem o terena, mas usa mais o português em seu cotidiano. A mesma adolescente fez o pedido de sala de reforço do ensino do terena e na sua escola. Diferentemente, a idosa D. (43 anos) confirmou que usa o terena na comunidade, na igreja, assim como também o português. A jovem H. (26 anos) confirmou que usa ambas as línguas na comunidade, na família e entre os parentes, só que no trabalho só utiliza a língua portuguesa.

A aldeia urbana Darcy Ribeiro foi contemplada pela pesquisa por meio da participação na “Festa do Índio”, uma festa indígena, com decoração e trajes típicos com riscos gráficos Terena, onde aconteceram as apresentações culturais da etnia. A pesquisa, nessa

aldeia urbana, foi desenvolvida através da observação iniciada desde a entrada da rua da aldeia, onde foi possível visualizar uma expressiva festa, com uma presença numerosa de indígenas de várias idades e de aldeias urbanas. Havia bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos com vestes típicas Terena.

A festa foi realizada com apresentações de danças típicas Terena e com explicações, em língua materna, sobre sua cultura, com tradução simultânea para língua portuguesa, realizada por vários intérpretes. Nesse momento, havia um elevado número de crianças e idosos abrigados na tenda, prontos para iniciar as apresentações, caracterizados com trajes artísticos¹⁵, marcado pelo grafismo no corpo e na roupa. Cada dança realizada no meio da tenda era explicada oralmente na língua terena e traduzida para o português. Essas apresentações eram realizadas por grupos de crianças, constituídos por meninos indígenas, alunos que dançavam orientados por líderes adultos participantes da dança, que ficavam entre eles repassando orientações através do uso do terena. Assim, segundo Sant'ana, as manifestações culturais adquiriram novos significados no contexto urbano e conquistaram novos espaços.

A Aldeia urbana Tarsila do Amaral, localizada paralelamente à aldeia urbana Água Bonita, foi visitada e observada pela pesquisadora, porém, como convidada para festividades, reuniões religiosas, constatando-se, assim, o uso do terena em conjunto com o português. Com destaque para as reuniões religiosas, que apresentaram canções, orações e discursos orais fazendo uso da língua materna, por várias vezes foram apresentadas, em reuniões, músicas e orações realizadas por jovens e adultos, acompanhadas da tradução para o português pelos líderes.

¹⁵ Entende-se que a vestimenta adotada nas festas comemorativas indígenas terena (pintadas com grafismo terena) assumiu valor de trajes artísticos por não se tratar de uma vestimenta adotada no dia a dia do povo terena, e sim durante as apresentações indígenas Terena, culturais.

A aldeia urbana Estrela da Manhã foi localizada e observada durante o trajeto para a aldeia urbana Darcy Ribeiro. Desta maneira, observou-se o extenso espaço territorial da aldeia urbana Estrela da manhã, preenchido por casas construídas com diferentes materiais, como madeiras usadas, lonas de plástico, com precárias condições de sobrevivência etc. Embora houvesse a presença de vários moradores, não foi oferecida nenhuma informação relacionada ao tema desta pesquisa. A descrição da aldeia urbana Estrela da Manhã, durante a realização desta pesquisa, se resume ao fato de ser uma aldeia urbana em formação, lutando por benefícios e apoio municipal e estadual.

O grupo de Terena estabelecido no Mercado Municipal diferencia-se dos outros grupos urbanos, pois trata-se de um grupo de feirantes, formado em sua maioria por mulheres com suas filhas, que trabalham nos quiosques e nas ruas centrais da capital. Durante a observação do grupo, constatou-se que as atividades comerciais se iniciaram ao amanhecer do dia com a organização do local para compra e venda de produtos alimentícios, artesanatos e venda de plantas. É importante retomar que não índios, turistas e estrangeiros fizeram do Mercado Municipal e das áreas de comércio indígena um importante ponto turístico na capital do MS, um local utilizado como cenário para realizar registro fotográfico com os indígenas Terena.

O falante, ao se deparar com mais de uma língua em um contexto que permite escolhas linguísticas, alterna as línguas de uso em seu convívio diário, ou seja, as línguas que fazem parte do seu repertório linguístico. Esse fenômeno linguístico foi chamado de Alternância de Código (em inglês, *code switching*), que é uma mudança que ocorre no meio da frase ou no intervalo de uma frase para outra. Gumperz (1982 apud Porto 3) “foi o precursor dos estudos sobre as funções do code-switching”, que significa a inserção de elementos linguístico diferentes no discurso em desenvolvimento como meio de exposição da realidade do falante de línguas em contato, definindo uma mistura de línguas na fala.

Para Berniere, o *code-switching* ocorre quando há troca entre duas línguas em momentos específicos de uso, com reconhecimento nítido do uso linguístico e a alternância de uso entre duas línguas, sendo um ato que revela a competência bilíngue do falante e ocorre pelo contato de duas línguas diferentes e presentes em um mesmo ambiente, por meio de seus falantes. No entanto, a inserção do elemento linguístico na frase ou no discurso nem sempre vai representar uma estratégia comunicativa (Calvet 40), podendo servir como um apoio à intenção da interação e explicação do que está sendo dito.

Essa experiência permitiu constatar, no grupo de comerciantes do Mercado Municipal, o uso linguístico da alternância de código na comunidade Terena local.

O Quadro 1, a seguir, apresenta uma relação de falantes das línguas terena e portuguesa de diferentes idades e aldeias. O levantamento dos dados dos falantes de ambas as línguas foi feito por meio de algumas entrevistas e anotações realizadas nas visitas e observações no campo de pesquisa.

Informante	Idade em anos	Aldeia urbana	Uso Linguístico (fala ou entende)	
			Língua terena	Língua portuguesa
Emerson	-	Água Funda	Fala	Fala
Líder	-	Água Funda	Fala	Fala
Líder	-	Água Bonita	Entende	Fala
Líder Fundador	-	Jd. Inápolis	Fala	Fala
Líder Feminina	-	Jd. Inápolis	Fala	Fala
Líder	-	Jd. Inápolis	Entende	Fala
Líder	-	V. Romana	Não Respondeu	Fala
Homens Adultos	-	St. Mônica	Falam	Fala
Líder/Professor	-	Darcy Ribeiro	Fala	Fala

Liderança Religiosa	-	Tarsila do Amaral	Fala	Fala
Líder	-	Estrela da Manhã	Sem acesso	Sem acesso
Integrante Terena	-	Mercadão Municipal	Fala	Fala
P.	11	Vila Romana	Entende	Fala
D.	13		Entende	Fala

Quadro 1 – Falantes da língua terena e portuguesa nas aldeias urbanas de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

No quadro acima observamos que os falantes da língua terena são em número menor que os falantes do português. Como se pode observar, no relato acima sobre o uso da língua terena e portuguesa nas comunidades pesquisadas, fica claro que o emprego do terena ainda é muito intenso, embora se diga que não se fala mais essa língua nas aldeias urbanas. Apesar de o português se sobrepor à língua do povo terena, há ainda um esforço por manter viva a língua étnica nessas comunidades, quer no uso familiar, quer no uso em eventos festivos, na escola em aulas de reforço, ou em quaisquer outras situações que busquem a manutenção linguística da língua terena.

Sobre realidades como essa, Silva coloca que:

Preservar, portanto, os espaços de produção especializada é garantir não só o uso da língua, mas também sua manutenção, salvaguardando as experiências vividas entre as gerações. A transmissão do saber sagrado, do saber especializado é o elo entre o novo e o antigo (Silva 84).

Assim, o interesse do povo terena em manter as tradições, não só por meio de danças, pintura corporal e outras práticas culturais e sociais demonstradas nas festas, é a forma especializada que encontraram para a manutenção da língua. Segundo Souza, essa língua tem sido citada como língua em risco de extinção, pois pelo número populacional de índios terena era de se esperar que houvesse mais manifestações de uso da língua terena.

O estudo realizado permite considerar, no entanto, que o quadro linguístico de uso da língua terena e portuguesa apresentou diferenças significativas ao serem consideradas as realidades de cada aldeia urbana, a origem de seus moradores e sua constituição social.

Considerações Finais

Esta pesquisa mostrou que definir a situação sociolinguística na comunidade indígena terena urbana de Campo Grande não é uma tarefa simples, pois, a língua indígena, em conformidade com o que preconiza a Constituição Federal de 1988, tem sua própria complexidade, em virtude de ter cada povo indígena tem suas particularidades culturais. E a comunidade indígena terena, estabelecida nas aldeias urbanas da capital do Mato Grosso do Sul, não foge a essa regra. O grupo indígena terena constituiu-se como o segundo grupo relevante na formação das aldeias urbanas em Campo Grande, suplantado apenas pelo povo Guarani, que se destacou no processo de formação do município de Campo Grande.

A comunidade indígena terena urbana em Campo Grande é formada por indígenas vindos de diferentes regiões do Mato Grosso do Sul em diferentes épocas e com distintos graus de bilinguismo. Cada grupo terena trouxe para a comunidade urbana traços pessoais vinculados ao seu local de origem, ou seja, à tradição familiar, da comunidade e liderança local. Assim, não se pode deixar de mencionar que cada comunidade terena possui sua liderança, que se diferencia em relação a outras lideranças- quanto à administração da aldeia urbana, à tradição a ser seguida na comunidade local, às práticas sociais, maior ou menor interação com outros grupos étnicos, ou mesmo em relação à valorização e uso da língua terena.

Neste novo ambiente, os terenas reafirmaram a sua própria política linguística (Nincao 2003 e 2008) de utilização das duas línguas num processo de bilinguismo

compulsório (Maher 2007), vivendo uma nova realidade, que se definiu, ao longo do tempo, como cada vez mais complexa na área urbana do município de Campo Grande. Vinculadas à vida urbana, surgiram situações conflituosas como a questão de quando usar uma ou outra língua (língua terena ou língua portuguesa), situação já definida em suas aldeias de origem, mas com a necessidade de um novo posicionamento nas comunidades indígenas urbanas de Campo Grande. Diante do impasse, os terenas mantiveram o que era de costume da etnia, o uso da língua de origem entre os familiares e parentes. E quanto ao uso do português – a língua nacional (Maher 2016) –, eles decidiram manter no lugar da interação entre terenas e não terenas, em contexto comunitário e a assumir o português como meio básico para sobrevivência.

Nesse sentido, os terenas de Campo Grande demonstraram, no uso da alternância de línguas, diversas intenções, como uma forma de estabelecimento do povo terena e de sua língua no meio urbano, na convivência junto ao não indígena, revelando a sua capacidade de manejar duas línguas simultaneamente. Entretanto, em muitas situações, os terenas intercalaram falas da língua materna, após a exposição de frases inteiras em português, deixando nítida a intenção de usar a língua materna para manter a intimidade entre os terenas na presença de não indígenas.

© Rogério Vicente Ferreira, Onilda Sanches Nincao y Guadalupe Vilhalba Cabral Xavier

Bibliografia

- Altenhofen, Cléo Wilson. “Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual”. *Revista de Letras Norte@mentos Estudos Linguísticos*, v. 6, n. 12 (2013): 31-52. Web. 10 nov. 2019.
<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216/860>
- Azanha, Gilberto. “As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul”. *Revista de Estudos e Pesquisas*. V. 2, n. 1 (2005): 61-111. Web. 05 out. 2019. <
<http://www.funai.gov.br/index.php/projeto-editorial/revista-de-estudos-e-pesquisas>>
- Barreto, Mônica Maria Guimarães Savedra. “Bilinguismo e Bilingualidade: uma nova proposta conceitual”. In: Salgado, Ana Cláudia Peters, e Savedra, Mônica Maria Guimarães Barreto. (Editores). *Sociolinguística no Brasil. Uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato. Homenagem ao professor Jungen Heye*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p.121-140. Impresso.
- Beniere, Simone Raquel. *Crenças e atitudes linguísticas em relação a línguas minoritárias: Alemão em São Carlos/SC e italiano em Coronel Freitas/SC*. Dissertação (Estudos Linguísticos) - Universidade Federal da Fronteira Sul–UFFS. Chapecó, 2017. Impresso.
- Bittencourt, Circe Maria; Ladeira, Maria Elisa. *A história do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000. Impresso.
- Calvet, Louis Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002. Impresso.
- Cavalcanti, Marilda C. “Estudos Sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil”. *Revista Delta*, n. 15, Número Especial, (1999): 393-400. Web. 08 set. 2019. < <https://revistas.pucsp.br/delta/issue/view/2203>>
- Dornelles, Clara. Brasil. “Um país Monolíngue de Todos”. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. Impresso.
- Franceschini, Dulce do Carmo. “Línguas Indígenas e Português: Contato ou Conflito de Línguas? Reflexões Acerca da Situação dos Mawé”. In Silva, Sidney de Souza. *Línguas em contato: Cenários de bilinguismo no Brasil*. Coleção Linguagem e Sociedade, v. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. Impresso.

- Franco, Maria Laura P. Barbosa. *Análise de conteúdo*. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007. Impresso.
- Guimarães, Eduardo. “Apresentação Brasil: país multilíngue”. *Ciência e Cultura*, vol.57 no.2 (2005). Web. 02 fev. 2020. <
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200014>
- Hohmann, Beate. “Manutenção e planificação linguística numa comunidade pomerana do Espírito Santo. Um estudo sociolinguístico”. In: IBGE. *Censo demográfico 2010, características gerais dos indígenas. Resultados do universo*. Rio de Janeiro. 2010. Impresso.
- Maher, Tereza Machado. “Do Casulo ao Movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural”. In M. C. Cavalcanti e S. M. Bortoni-Ricardo (Editores) *Transculturalidade, Linguagem e Educação*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p.67-96. Impresso.
- Maher, Tereza Machado. “Sendo índio na cidade: mobilidade, repertório linguístico e tecnologias”. *Revista da Anpoll*, n. 40 (2016): 58-69. Web. 07 nov. 2019. <
<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1015>>
- Mello, Heloísa. “Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano”. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. Impresso.
- Mesquita, Rodrigo; Braggio, Silvia Lucia. “Obsolescência linguística em Xerente Akwén: diglossia, empréstimo e codeswitching”. *Revista Signótica*, Goiânia, v. 24, n. 2 (2012): 493-518. Web. 06 set. 2019. <
<https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/14024>>
- Nascimento, Adir Casaro; Vieira, Carlos Magno. “O índio e o espaço urbano: breves considerações sobre o contexto indígena na cidade”. *Cordis. História: Cidade, Esporte e Lazer*, São Paulo, n. 14 (2015): 118-136. Web. 23 out. 2019. <
<https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/26141>>
- Nincao, Onilda Sanches. “Representações de Professores Indígenas sobre o Ensino da Língua Terena na Escola”. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), São Paulo, 2003. Impresso.

- Nincao, Onilda Sanches. “*Kóbo Yoko Hovôvo/O Tuiuiú e o Sapo*”: identidade, bilinguismo e política linguística na formação continuada de professores Terena. 2008. 236f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008. Impresso.
- Oliveira, Caroline Pereira de. *A relevância pedagógica na construção de propostas de educação bilíngue intercultural*. 2011. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011. Impresso.
- Pereira, Levi Marques. *Os Terena de Buriti: as formas organizacionais, territorialização da identidade étnica*. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2009. Impresso.
- Prudente, Mabel Pettersen. “Um estudo Sociolinguístico sobre a comunidade Árabe em Goiânia”. In: SILVA, Sidney de Souza. *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*. Campinas: Pontes, 2011. Impresso.
- Raso, Tommaso; Mello, Heliana; Altenhofen, Cléo V., 2011, p. 37-38. “Os contatos linguísticos e o Brasil”. In: RASO, Tommaso, Mello, Heliana; Altenhofen, Cléo V. (Editores). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011. Impresso.
- Sant'ana, Graziella Reis de. *História, espaços, ações e símbolos das associações indígenas Terena*. 2009. 331p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Impresso.
- Severino, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez, 2016. Impresso.
- Silva, José Amorim; Ferreira, Rogério Vicente; Oliveira, Caroline Pereira. “Uma reflexão sobre referenciação em textos escritos em Língua Portuguesa por alunos indígenas da comunidade Terena de Miranda/MS”. In Ferreira, Rogério V.; Amado, Rosane de Sá; Cristino, Beatriz Protti (Editores) *Português Indígena: novas reflexões*. Muenchen: Lincom, 2014. p. 116-129. Impresso.
- Silva, Luiz Felipe Barros Lima; Bernardelli, Mara Lúcia Falconi da Hora. “A Constituição da comunidade urbana Água Bonita em Campo Grande – MS: Territorialidade e identidade indígena”. *XVII Encontro Nacional de Geógrafos*. São Luís/MA, jul. 2016. Impresso.
- Silva, Maria do Socorro P. *Reflexões sociolinguísticas sobre línguas indígenas ameaçadas*. Goiânia: Editora UFG, 2009. Impresso.

Zoia, Alceu; Pasuch, Jaqueline; Pripolli, Odimar João. *Dez anos dos índios terena em Mato Grosso: aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios. Espaço Amérídio* Porto Alegre. V. 9, n.1 (2015): 86-104. Web. 14 abr. 2019. <
<https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/52164>>